

# NÓSSA MISSÃO: ENTRAR NO INFERNO

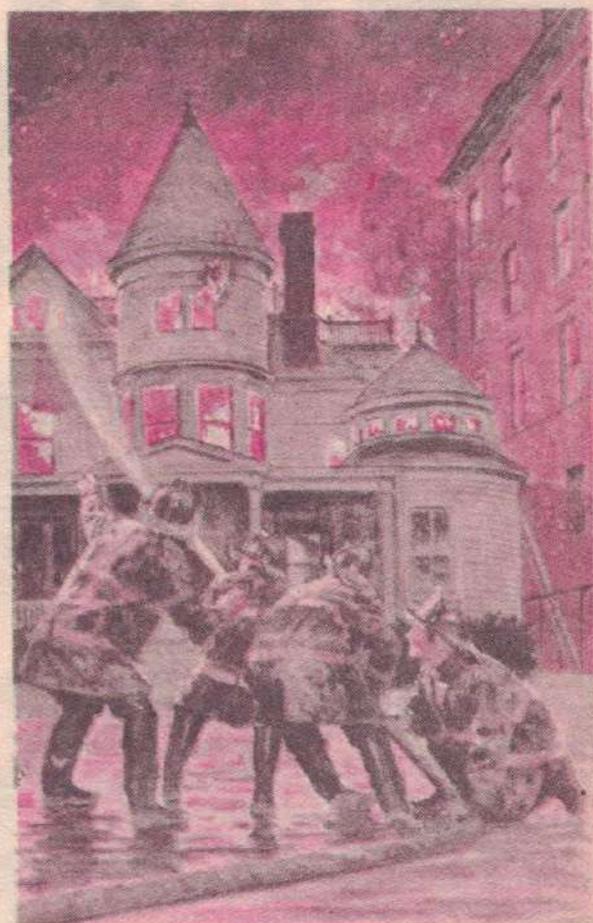
Condensado do livro de

**DENNIS SMITH**



# NÓSSA MISSÃO: ENTRAR NO INFERNO

**DENNIS SMITH**



Dennis Smith é bombeiro há dez anos. Neste emocionante relato, com base em sua experiência com os mais pavorosos incêndios, ele fala de sua perigosa profissão, com orgulho, sensibilidade e amor. Graças a ele, compreendemos não só por que motivo os cristãos escolheram o fogo como metáfora do Inferno, mas também por que razão alguns homens se redimem nesse Inferno.

**M**EU NOME é Dennis Smith, e sou bombeiro na cidade de Nova York — um dos «bravos de Nova York», como nos chamam nos jornais. Pertencço à Companhia 82. O quartel do meu batalhão fica na junção da Intervale Avenue com a Rua 169, numa zona conhecida por Bronx1Sul. Tal como

o Harlem, é um dos grandes guetos humildes da cidade de Nova York.

Quase na esquina, perto do quartel, fica o 41.º Distrito Policial, o mais movimentado da cidade. Nessa área há mais homicídios e mais tráfico de drogas e prostituição por quilômetro quadrado do que em qualquer outro ponto dos Estados Unidos.

CONDENSADO DO LIVRO "REPORT FROM ENGINE CO. 82", © 1972 DE DENNIS SMITH

No quartel de Intervale Avenue, trabalham quatro companhias de bombeiros: as de número 82 e 85, a cargo das quais fica o serviço de mangueira do distrito; a Companhia de Escadas 31 e a Companhia de Controle Tático 712, que se encarregam do trabalho de salvação, com escadas e machados. Essas quatro companhias atendem a uma média de 600 chamadas por mês, e não é exagero dizer que o nosso batalhão de bombeiros é o mais ativo de Nova York — e provavelmente do mundo.

Moro num lugar chamado Washingtonville, ao norte de Nova York. É um local bonito, onde compramos uma casa com o dinheiro que, há anos, uma senhora legou a uma de suas parentes desconhecidas (minha mulher, Pat), e foi o suficiente para o pagamento da entrada.

Neste momento, estou sentado na cozinha, esperando que Pat acabe de preparar minha omeleta. Gostaria de ter tempo para abraçá-la docemente e dizer-lhe quanto a amo, vocês sabem; mas é hora de ir trabalhar, e o tempo só chega para a omeleta e uma xícara de café.

Há duas semanas que estou de licença médica, por ter ficado com a «garganta chamuscada»; agora que as dores já passaram, sinto-me ansioso para regressar ao quartel.

Pat coloca a omeleta fumegante à minha frente. Inclina-se para mim, seus lábios roçam pelos meus e inicia o nosso jogo. Sinto os seus lábios macios se moverem, quando ela pergunta:

«Quanto?»

«Tudo isto», respondo, abrindo os braços o mais possível.

Olha para ambos os lados, para se certificar de que as mãos estão abertas e as pontas dos dedos esticadas.

«Em dinheiro?», insiste.

«O tesouro do Papa.»

«Em pedras preciosas?»

«Um diamante puro, sem jaça.»

«Em montanhas?»

«O Everest, claro. E carro, um Rolls-Royce, e cidade, Nova York.»

Envolvo-a nos braços, e ponho fim ao jogo. O seu corpo esguio contorce-se, e acaba por me escapar.

«Os ovos estão esfriando», lembra-me.

Senta-se, e começa a morder a parte interna do lábio inferior, hábito que, nela, denuncia preocupação. Primeiro, nega que esteja apreensiva, mas por fim desabafa:

«Quantos anos ainda terá que trabalhar no Bronx-Sul? Nunca me preocupei quando você trabalhava em Queens. Naquele tempo, pelo menos, voltava para casa com alguma vida no corpo, mas agora chega exausto, quando chega — quando não tem de ficar no hospital, suturando um ferimento, ou tirando radiografias, ou tratando queimaduras. Até no Vietnam mandavam os soldados para casa ao fim de um ano, mas você já está na Companhia 82 há mais de cinco anos.»

Todas as mulheres dos bombeiros se preocupam com os maridos. Até agora, porém, Pat tinha dominado sua ansiedade. Mas, hoje, compreendendo que está verdadeiramente inquieta.

No entanto, o que posso dizer para acalmá-la? Estarei trabalhando no Bronx-Sul por causa de algum compromisso moral e abstrato, por acreditar em que também os pobres têm o direito de ser protegidos do fogo? Estarei empenhado numa cruzada ou, simplesmente, em fazer o meu trabalho? Nunca pensei nisto.

Estendo a mão por cima da mesa, e aperto a sua: «Gostaria que não se preocupasse. Já lhe disse que um bombeiro pode ser ferido, ou até morrer, tanto em Queens como no Bronx-Sul.»

Tenho perfeita consciência de que não consigo justificar o meu emprego, a não ser dizendo que me agrada, que gosto dele. Levanto-me, coloco a xícara na pia, e tomo o rosto de Pat entre as minhas mãos.

«Imagine só», peço-lhe, quase num sussurro. «Daqui a apenas 11 anos, poderei me aposentar com meio ordenado. Terei somente 42 anos, e poderemos mudar-nos para outra cidade, para a Irlanda, para Nova York, para onde quisermos! A vida será fácil e calma. Os garotos estarão crescidos, e poderemos viajar, ou fazer o que nos der na veneta. Mas agora, neste momento, gosto do que faço. Sinto-me satisfeito como trabalhador e como homem, posso contribuir com alguma coisa.»

São três e meia da tarde — horas de ir para o quartel. Meu filho Brendan, que tem sete anos, anda não sei onde, de bicicleta; os dois mais novos (cinco e quatro anos) vêm correndo, do quintal de um vizinho, onde estavam brincando.

«Até logo, Dennis. Até logo, Sean. Digam até logo ao Brendan, por mim.»

Ambas as cabeças acenam afirmativamente, e as mãozinhas me atiram beijos, enquanto saio da garagem, de marcha-a-ré. Pat está no alpendre, de braços cruzados sob os seios e com o cabelo esvoaçando ao vento frio.

«Até logo, querida. Te amo!», despeço-me.

Ela acena com a mão. Acho que não ficou convencida com a minha explicação, e que a questão de eu trabalhar na Companhia 82 continua em suspenso...

### Trabalho de uma noite

SÃO DUAS e meia da manhã. Estamos jorrando mil litros d'água por minuto, num incêndio, mas o vento nos devolve sobre o rosto cada gota gelada desses mil litros. Estamos aqui há mais de uma hora, e o fogo continua a lavrar furiosamente. Se pudessemos entrar no edifício e nos aproximar mais um pouco — mas o chefe diz que é muito perigoso; o telhado pode ruir a qualquer momento.

Formaram-se pingentes de gelo na aba protetora do meu capacete de couro, e vejo-os se quebrarem quando me movo para segurar melhor a mangueira.

«Quer descansar um pouco, Dennis?», grita Benny Carroll.

«Quero, Benny», e passo-lhe a mangueira.

Enquanto desço a rua, em busca de um abrigo, sob um vão de escada,

ouço um ruído abafado, mas distinto, como se alguém deixasse cair um cofre de aço numa pilha de lenha. Ergue-se para o céu um gigantesco cogumelo de chamas. Parte do telhado desabou, e o oxigênio de cima atua como um ímã, atraindo o fogo.

O velho edifício «moribundo» é um sobrado de madeira, de três andares, do estilo Queen Anne. Tem vários telhados pontiagudos e muitas salas pequenas, que dificultam o trabalho dos bombeiros.

Há pouco mais de uma hora, estávamos sentados no quartel. As chaleiras assobiavam e o café fumegava. Já atendêramos doze alarmes, desde que o nosso turno começara, às seis da tarde. Dois eram de colchões incendiados, outro de um carro abandonado que pegara fogo, outro de um divã e os restantes tinham sido de incêndios de lixo ou alarmes falsos. Depois, as campanhas tocaram para este incêndio, e a Companhia 82 foi convocada ao segundo alarme. Vimos o clarão vermelho no céu, quando saímos, e compreendemos que tínhamos trabalho para algumas horas.

Não consigo encontrar um vão de escada quente; estão todos frios. Volto ao edifício defronte ao que está queimando. Vários bombeiros de outras companhias tiveram a mesma idéia, e já se encontram lá, no átrio, andando de um lado para o outro ou saltando. O frio é tanto que se torna insuportável para descansar.

«Péssima noite, Dennis, péssima!», diz-me um homem do 2.º Ba-

talhão, enquanto tira a capa de borracha, que, como as nossas, está gelada e fica de pé, encostada à parede.

Não posso deixar de pensar que, em qualquer outro lugar, talvez numa cidade em que os incêndios fossem mais raros, e constituíssem espetáculos emocionantes, as pessoas abriam suas portas, e ofereceriam café, biscoitos e o calor dos seus lares aos bombeiros e às vítimas do incêndio. Mas, estamos em Nova York, onde, às vezes, os vizinhos nem sequer se dão ao trabalho de saber os nomes uns dos outros.

Descanso um pouco, e regresso ao fogo. Benny Carroll dirige o jato d'água para o telhado. Os pingentes gelados que escorrem do seu capacete lembram borlas num chapéu festivo. Tem os músculos do rosto tensos e as artérias do pescoço salientes, como cordas. O vento continua soprando, furioso, e a água volta ao ponto de partida, transformada em pequenas partículas geladas, que parecem de vidro. Benny pede que o rendam, e Willy Knipps segura a mangueira. Ocupo o meu lugar, atrás de dois outros homens, agarro a mangueira de 60 mm de diâmetro com toda a força, e empurro-a para baixo, a fim de aliviar a pressão contrária.

Ouve-se um grande estampido, e o céu, à nossa frente, se enche novamente de fogo. O resto do telhado desabou, e o fogo se liberta das peias que o tolhiam. Já não levará muito tempo. Todas as mangueiras estão apontadas para o telhado. As labaredas começam a enfraquecer; sabemos que terminarão em breve.

O chefe nos manda levar uma mangueira de 45 mm para o último andar. Passamos pelas companhias que trabalham no primeiro andar, e puxamos a mangueira para o segundo. O fogo ali ainda é intenso, mas está sepultado sob o telhado e os tetos que desabaram.

A fumaça é densa, nossos narizes pingam, e temos de conservar a cabeça baixa. Como o calor e a fumaça sobem, os bombeiros se esforçam por se manter o mais rente possível ao chão.

Bill Kelsey, que segura a mangueira, rasteja de bruços, através do que foi uma porta. O Tenente Tom Welch se arrasta a seu lado, apontando para frente o feixe luminoso da sua lanterna portátil. Kelsey avança pelas salas, extinguindo, lenta e progressivamente, o fogo. De súbito, dá um pulo, fica de joelhos, fecha a mangueira, enfia-a pelo cano da bota direita e abre-a novamente. A água transborda do cano da bota.

«Que houve?»

«Alguma coisa deve ter entrado em minha bota», responde Kelsey. «Dói como o diabo!»

Sai, e Willy Knipps, que o seguia, o substitui. Por fim, é a minha vez de pegar a mangueira. O verdadeiro trabalho, o verdadeiro desafio do combate a um incêndio, compete ao homem que controla a mangueira.

As salas à minha frente estão mais quentes do que eu pensara. Coloco-me de cócoras e o Tenente Welch faz o mesmo, a meu lado. Atrás de nós, Knipps vai «dando» mangueira. Avançamos devagar, arrastando os joelhos

centímetro a centímetro, como se cumpríssemos uma promessa, numa procição. Extinguimos o fogo em três salas; só falta uma. Dirigimo-nos para lá, de bruços. O fogo ilumina por completo o aposento, e avança para nós. Sinto o calor no rosto, como o sol de mil dias de verão na praia.

Baixo a cabeça, e aponto a mangueira para o teto. Nem preciso olhar para cima; sei que o fogo diminui porque a fumaça baixa. A meu lado, o Tenente Welch diz:

«Bom trabalho, Dennis! Continue a apontar para o teto; dominamos o fogo. Vamos avançar mais um pouco.»



O fogo já se extinguiu, mas a fumaça ainda é densa. Deve haver fogo nas paredes, se não estiver encurralado entre o teto e o telhado. Um homem de uma companhia de sapadores chega, e abate o teto, com grandes machadadas. Assim, vemos as chamas. O bombeiro vai-se embora, para eu poder atacá-las, e regressamos às outras salas, para uma esguiçada final. Nosso trabalho acabou.

Na rua, ouvimos dizer que Bill Kelsey tem uma queimadura feia na perna.

«Há mais alguém ferido?», perguntam.

«Há. Um colega da Companhia 50 caiu através do assoalho, quando este desabou. Chama-se Roberti, ou Roberto, ou coisa parecida.»

É tudo mais impessoal. Quando alguém fica ferido num incêndio, é mais fácil recordar o ferimento do que o seu nome. Um indivíduo se queimou, caiu através do telhado, estilhaços de vidro o cortaram, caiu-lhe uma parede em cima, a fumaça o intoxicou... Nenhum destes acidentes pode ser evitado, pelo menos enquanto a melhor maneira de extinguir um incêndio for chegar perto dele.



São quase cinco e meia da manhã, quando o carro nos leva ao quartel. Mal acabo de vestir um par de calças secas, o alarme soa de novo. « Raios! Podiam nos dar uma folga! », penso, enquanto me deixo escorregar do primeiro andar para a sala do equipamento. Felizmente, a caixa de onde deram o alarme fica a apenas cinco quarteirões de distância — e trata-se de rebate falso. Em dez minutos, acorremos ao local, demos uma volta pelas imediações e regressamos ao quartel. Atendemos mais dois alarmes falsos antes de começar o turno do dia, às oito horas. São nove da manhã, quando inicio a viagem de volta a casa, para descansar.

### Falso alarme criminoso

Dos 13.350 bombeiros da cidade de Nova York, 8.600 sofreram ferimentos durante o ano de 1971, no cumprimento do dever. A média anual de mortos é de oito. Em 1971, morreram sete.

Tive um amigo chamado Mike Carr, um rapaz legal e boa praça. Era o delegado sindical da Companhia 85, e tudo quanto pudesse redundar no mínimo benefício para os bombeiros o interessava. Trabalhava incansavelmente a nosso favor.

Até que um dia, um menino de nove anos estendeu o braço e puxou a alavanca de alarme de incêndios. A garotada faz isso com muita frequência no Bronx-Sul. Os amigos do menino riram e desataram todos a correr pela rua acima, para assistirem à chegada do carro dos bombeiros.

No quartel, o quadro de alarme identificou que a chamada viera da caixa 2.787, entre o Southern Boulevard e a Rua 172. Mike saltou para o estribo do carro, que avançou pela Intervale Avenue, com a sireia a tocar insistentemente. Na Freeman Street, o carro virou à direita, Mike se desequilibrou, girou como um pião e estatelou-se na calçada.

Marty Hannon e Juan Moran saltaram do carro, ainda em movimento, com os freios a guinchar. Havia sangue por toda parte, e Mike deixara de respirar. Marty limpou algum sangue, com o lenço, e tentou a respiração boca a boca. Mais tarde, disse-me que daqueles minutos angustiosos só lhe ficara a voz do chefe do batalhão, a gritar pelo rádio: « Transmite 1.092. Caixa 2.787. Falso alarme criminoso. »

No dia seguinte, a Sociedade dos Bombeiros ofereceu uma recompensa de mil dólares por informações que permitissem prender a pessoa que dera o alarme, e, nessa mesma tarde, o menino de nove anos transpôs as pesadas portas de ferro do 41.º Distrito Policial. As notícias correm depressa, no Bronx-Sul; os amigos do garoto tinham contado o sucedido aos pais, e estes haviam informado a polícia.

Enquanto o pequeno era interrogado, no distrito, um grupo-de-ação das imediações pintava a caixa de alarme de negro, e colocava-lhe um letreiro dividido em duas partes, a metade de cima em espanhol e a de baixo em inglês. O letreiro dizia: MORREU UM HOMEM QUANDO VINHA

PARA AQUI, CHAMADO POR UM ALARME FALSO. A tinta ainda não havia secado e já alguém utilizava a mesma caixa para outro alarme falso. Os homens da Companhia 85 então retiraram o letreiro.

Mike tinha dois filhos, de sete e nove anos — dois corajosos e assustados rapazinhos que caminharam lentamente, um de cada lado da mãe, atrás de um carro-da-bomba reluzente, vermelho, que passou entre filas de colegas seus e de centenas de bombeiros. Os dois rapazinhos olhavam para o caixão envolto na bandeira, em cima do carro-da-bomba, e sentiam-se orgulhosos por ser o pai objeto de toda aquela cerimônia — mas também se sentiam assustados, pois já tinham idade para compreender que haveria um amanhã, e que esse amanhã seria diferente sem o pai.

No dia seguinte ao da morte de Mike, o quartel foi muito visitado por jornalistas e equipes do noticiário da televisão. Resolveram filmar uma entrevista com Charlie McCarty, o componente mais corajoso e mais forte da Companhia de Escadas 31. Charlie aplicara o resuscitador mecânico a Mike Carr, enquanto a ambulância o conduzia ao hospital, e ficou com Mike enquanto os médicos tentavam salvá-lo.

«Era um tipo formidável», disse Charlie, em resposta a uma pergunta. «Foi uma pena isto ter acontecido e... e...» Virou as costas, com os ombros sacudidos por soluços; quando se voltou, as lágrimas escorriam-lhe pelas faces. «Lamento...

mas não posso continuar.» E o bombeiro mais forte e mais corajoso do quartel foi-se embora.

### Ser bombeiro

CRESCI no lado leste de Manhattan, num prédio muito semelhante àquelas onde agora enfrento incêndios. Creio que nunca me libertarei de prédios assim — cheios de baratas. Os nomes e a geografia podem variar, mas as condições são universais, quando as pessoas não têm dinheiro.

As baratas fizeram parte do meu passado e fazem parte do meu trabalho. Sinto-as sob ou sobre mim, quando rastejo por compridos corredores cheios de fumaça. Vejo-as fugindo, atarantadas, quando levanto um colchão que pegou fogo, do mesmo modo que fugiam entre os soldadinhos de chumbo do campo-de-batalha disposto no chão da minha sala. Para mim são, mais do que tudo, o símbolo da pobreza, a única faceta da minha juventude que fui obrigado a aceitar — as feias, castanhas e velozes companheiras dos pobres. Minha mãe limpava a casa e usava inseticidas, mas com pouco resultado. As baratas, segredava ela, tinham sido metidas nas paredes havia anos, porque os construtores não gostavam de irlandeses nem de italianos. Aprendi que era possível combater os insetos imundos, mas não vencê-los. Elas se adaptavam, e eu também me adaptei.

Tinha 21 anos quando preenchi o impresso de pedido de admissão

no corpo de bombeiros. Não sabia de que constava o trabalho; só sabia que era símbolo de êxito um moço da vizinhança se tornar bombeiro ou policial. Eram empregos seguros e muito respeitados pelos mais velhos, que tinham conhecido as dificuldades da Depressão. As freiras da escola onde estudei nunca nos falavam em virmos a ser médicos ou advogados; só em nos tornarmos presidentes dos Estados Unidos (o que era nosso direito nato), bombeiros ou policiais.

Depois de aprovado no exame de servidor público, para ser bombeiro, fui objeto de uma investigação minuciosa, e tive minha formação moral examinada. No cumprimento do dever, um bombeiro precisa entrar em bancos, joalherias e casas particulares. Assim, por motivos óbvios, quem não tem bons antecedentes não é aceito. Submeteram-me, também, a exaustivos exames físicos e médicos. Pés chatos, falta de dedos, visão inferior à normal, deficiência auditiva e a menor irregularidade no eletrocardiograma são motivos de desqualificação automática.

Seguiu-se a escola de treinamento. Durante oito semanas, começamos o dia com 45 minutos de exercícios físicos: impulsão, flexão, barra-fixa, saltos e corrida. Seguiam-se três horas de aulas, nas quais aprendíamos tudo que se relacionasse com códigos de construção, métodos de inspeção, leis de incêndios, explosões, sistemas de alarme, incêndios propositais e outras coisas tão difíceis como em qualquer curso universitário.

À tarde, tínhamos outras três horas de aulas práticas: estender mangueiras escada acima, escadas de salvamento e escadas de bombeiros; rastejar entre tambores de duzentos litros cheios de madeira ardendo, na sala térmica; rastejar em condições de fumaça controlada, aspirando os primeiros haustos do veneno que logo conheceríamos tão bem como um médico conhece a morte; derrubar portas e assoalhos com machados de mais de três quilos; forçar fechaduras; fazer ruir tetos com ganchos; descer pelo exterior de um prédio de cinco andares, com uma corda e um cinto de segurança; saltar de três andares para uma rede; transportar vítimas; procurar, em salas cheias de fumaça, um boneco bem escondido por um instrutor de diabólica imaginação; ligar braços; colocar talas em pernas... Aprendemos tudo, menos o que é, realmente, estar no meio da loucura descontrolada de um incêndio de verdade.

Sentia-me extasiado com a perspectiva de, em breve, fazer parte da banda de sinetas, campainhas e sirenas. Passaria entre os aplausos de multidões excitadas, enquanto subia escadas, puxava mangueiras e salvava crianças (sempre crianças) do demônio de máscara ardente.

Agora, passados tantos anos, as ilusões românticas se desvaneceram. Subi tantas escadas e rastejei por tantos corredores imundos que seria impossível sentir que a minha profissão se reveste de algum fascínio. Vi amigos morrer, e transportei a morte nas minhas próprias mãos.

Não há exaltação nem fascínio nisso.

Espero que, se hoje, um jovem decidir ser bombeiro, o faça por alguma noção do dever para com a profissão e o seu semelhante, e não por causa da emoção das sirenas e das campainhas de alarme. Lutar contra incêndios é um trabalho embrutecedor. Tem as suas recompensas, mas estas são intangíveis, e cada bombeiro deve procurá-las à sua maneira.

### As verdadeiras vítimas

MUITOS dos incêndios do Bronx-Sul têm uma estranha característica, como aquele da Intervale Avenue, perto da Kelly Street.

Podemos sentir o cheiro da fumaça, quando o carro começa a descer a avenida, e, mecanicamente, passamos a puxar os canos das botas até as coxas, a abotoar as capas e a calçar as luvas. O carro pára, preparamo-nos para desenrolar a mangueira, e, de súbito, ouvimos um grito de angústia, vindo do interior do prédio. Um rapaz sai, correndo, pela porta, com a roupa em chamas.

A Companhia de Escadas 31 vem logo atrás de nós, e um dos seus homens corre para socorrer o moço. Willy Knipps pega nas primeiras voltas da mangueira, e entra no edifício; Benny Carrol e eu o seguimos, arrastando o restante até o segundo andar.

Há quatro apartamentos nesse andar, e três das portas estão abertas. Os respectivos ocupantes fugiram. A quarta porta está fechada.

O chefe chega, corre para o apartamento contíguo, e tenta arrombar a parede, aos pontapés, com toda a força. A fumaça escapa pelo buraco por ele aberto, e escurece o apartamento. Knipps e eu começamos a tossir, e temos de nos deitar de bruços, enquanto esperamos que a água chegue à mangueira. Dois outros homens atacam a porta fechada.

Alarga-se o buraco na parede, e entra o Capitão Frimes. De rastos, avança para a porta principal, movendo os braços como um nadador. Um corpo caído no chão imobiliza-o. É um corpo grande e pesado, que o capitão arrasta com dificuldade para o buraco aberto na parede. Passa-o para outro bombeiro, que o transporta para a rua. Trata-se de um negro forte, de 16 ou 17 anos. Ainda respira, mas fracamente. O bombeiro compreende que tem de lhe introduzir oxigênio nos pulmões, para que ele sobreviva, e inicia o método de respiração boca a boca. Enquanto isto, na sala em chamas, Frimes volta a rastejar para a porta fechada, e abre-a.

A mangueira se retesa, cheia d'água, e começamos a avançar, palmo a palmo. Chegamos à primeira sala em chamas, e Knipps abre a agulheta. Ao crepitar do fogo junta-se o som dos pedaços de reboco em brasa, que caem no chão molhado, e parecem assoviar quando o jato d'água atinge o teto.

As chamas decrescem rapidamente, e a fumaça desce para o chão. É impossível escapar. Willy Boyle se levanta, respirando sem dificul-

dade, graças à máscara. Sua intenção é substituir Knipps na agulheta, mas tropeça no meio do caminho. Tateia, e a sua mão encontra outro corpo. «Está aqui uma vítima!», grita, através do bocal da máscara. Benny Carroll corre para seu lado; juntos, retiram o corpo e o colocam no passeio, ao lado do rapaz.

É também um adolescente, e sua roupa parece papel calcinado, colado à pele. Está gravemente queimado, e a carne de alguns pontos de seu rosto se abriu, como se tivesse remendos vermelhos na pele negra. Boyle vira-se para vomitar, enquanto Benny liga de novo o ressuscitador. Encosta bem o bocal, com as duas mãos, para que não se perca nenhum ar. Boyle coloca uma das mãos sobre a outra, no peito do rapaz, e bombeia como um coração: 60 vezes por minuto.

«Não podia estar mais morto», comenta Boyle.

«Talvez», concorda Benny. «Mas temos de tentar.»

A Companhia 73 estendeu uma mangueira até o andar superior ao do incêndio. Uma sala se perdeu, mas o fogo foi extinto. As companhias de escadas 31 e 48 derrubam tetos e paredes, como medida de segurança. Um banho rápido, e podemos partir.

Um ajudante se dirige ao chefe e pergunta:

«Que faço com as latas de gasolina?» — refere-se a três latas de gasolina, encontradas no apartamento.

«Deixe-as aqui. A perícia deve estar chegando.»

«É trágico, não é?», pergunta Vinny Royce, com uma expressão de tristeza e revolta. «Provavelmente, estes garotos queriam pôr fogo na casa, e o feitiço virou contra o feiticeiro.»

Em vez de um perito, chegaram dois, que começaram a interrogar o chefe. A missão deles é, essencialmente, a de um detetive da polícia, mas se dedicam apenas a crimes relacionados com fogo. Depois de anotar as informações que consideram necessárias, irão ao hospital, para verificar se os dois adolescentes ainda vivos podem responder a algumas perguntas.

Vinny dá um último banho nas salas. Despejamos e enrolamos a mangueira, e regressamos ao quartel. São quase seis da manhã, e a claridade do dia começa a invadir o Bronx-Sul.

Sem se terem dado ao trabalho de se lavar, os homens se reúnem na cozinha, com os rostos sujos de fumaça e muco, e bebem um café quente. Recordamos todos os casos evidentes de fogo proposital que combatemos: todos os prédios desertos e incendiados; o tapete que esconde um buraco no chão, para que um bombeiro caia por ele, para o andar de baixo; as pessoas mortas em apartamentos, cujo vizinho de baixo pôs fogo na casa, por causa de uma briga com a mulher; e as queimaduras, os golpes e os membros partidos que todas essas coisas nos causaram. Qualquer de nós podia ter morrido no incêndio daquele dia. Desta vez, tinham morrido os incendiários.

Dias depois, tivemos conhecimento do que os peritos apuraram: o senhorio queria o prédio vago e, por isso, contratara um indivíduo, para lhe tocar fogo. Este, por sua vez, contratara os três garotos, e, quando eles lá estavam, espalhando a gasolina, o fogo irrompeu. Agora, a polícia procura o indivíduo que contratou os jovens, pois os dois que estão no hospital também não se salvaram.

Benny e eu falávamos a esse respeito, na cozinha, quando o alarme soou de novo. Enquanto seguia no estribo da retaguarda do carro, comecei a pensar que, afinal, não se tratava de uma ironia da justiça. Era, ao contrário, o que sempre acontecia, no Bronx-Sul: o verdadeiro demônio se salva sem uma queimadura, e as vítimas são as crianças do bairro.

### O valor da vida

É UM DIA quente de julho. Alguém, na sala do equipamento, toca a campainha para anunciar que o almoço está pronto. Jogo o cigarro num balde de areia, e escorrego pela coluna, para o nível da rua. Cagey Dulland, o tipo que controla as escadas mecânicas da Companhia 31, passou uns bifes.

A fumaça do molho me chega ao rosto quando me inclino sobre o prato, mas, como tenho fome, não me incomodo com isso.

Limpo o molho do prato, com um pedaço de pão, quando soa o alarme.

«Westchester Avenue com Fox Street!», anuncia o guarda.

Caixa 2.555. Viéramos de lá havia pouco, depois de debelar um pequeno incêndio num aposento do quarto andar.

«Aposto que é aquele prédio abandonado outra vez», disse Benny Carroll, e, quando nos aproximamos, verificamos que tinha razão.

Os moradores da Fox Street deixaram o calor do meio-dia dos seus apartamentos, e se reuniram no meio da rua, para ver o fogo. Há uma atmosfera festiva, as pessoas gritam e dão vivas, ao se afastarem para deixar passar o nosso carro. «Por que a prefeitura não manda botar abaixo estes prédios?», pergunto-me, ao nos acercarmos do edifício, com um monte de lixo podre e fétido no corredor. Quem tivesse ateado o fogo, desta vez, não estava disposto a se cansar subindo ao terceiro andar; as chamas já irrompem de todas as janelas do primeiro.

Pouco posso fazer, exceto carregar a mangueira. O Tenente Welch e Knipps começam a atacar do lado esquerdo do corredor, enquanto os rapazes da Companhia 94 vão abrindo caminho pela direita. O fogo se extingue depressa. Devem ter utilizado gasolina, para provocar tantas chamas, mas estas não tiveram tempo de chegar aos andares superiores. A fumaça se dissipa.

Uma grande parte da água que utilizamos correu pela escada e lavou o lixo, que já não cheira tão mal quando voltamos à rua. Enquanto isto, chega a polícia e tenta conter a multidão. Mas esta é grande, e



os policiais são apenas três. O carro da Companhia 31 foi tomado pela garotada, mas estamos habituados a isso. O veículo serve de praça de esportes, com barras e gangorras, num bairro onde não há *playgrounds*.

Vinny Royce está na calçada, de frente ao prédio abandonado. Colocou as luvas no pára-lama de um automóvel estacionado, e se prepara para enrolar a mangueira. Estamos todos suados e sentindo calor, mas Vinny, que ajudava Bill Valenzio a desatarraxar a bomba do hidrante, parece totalmente esgotado. De sú-

bito, quando Vinny despe a pesada capa de borracha, uma lata de lixo, arremessada de um telhado, cai ruidosamente a cerca de meio metro dele. Vinny corre para um portal, em busca de proteção; a multidão debanda, e a garotada salta do carro e foge pelo quarteirão abaixo. A rua se transforma num «vale», ladeado, de extremo a extremo, por prédios de seis andares. Olhamos todos para os telhados.

«Cuidado!», grita Benny Carroll, e corre para se juntar a Vinny, encolhido sob o portal. Uma chuva de bolas de ferro, de cerca de 50 mm, cai na rua, e uma delas estilhaça o pára-brisa do carro da Companhia de Escadas 48. Os policiais correm para os prédios, mas voltam daí a pouco. Quem quer que estivesse no telhado desapareceu.

Olhamos para a lata de lixo, atirada lá de cima. Está caída de lado, a esparramar cinzas. Sempre de olho nos telhados, puxamos a mangueira para o carro-da-bomba. Chegam três radiopatrulhas, com as sirenas gemendo, e sentimos um pouco mais de segurança. Arrumada a mangueira, saímos a toda a velocidade da Fox Street, sem tirar os olhos dos telhados.

Ao chegar ao quartel, corro para o primeiro andar, que tem ar condicionado. Dispo a camisa, e enxugo os braços e o peito. Tiro outra camisa lavada do armário, e penso na minha mulher, ao ver as mangas bem passadas a ferro.

Benny e Vinny também sobem, se lavam, mudam de camisa e se

deitam. Conversamos um pouco sobre o que aconteceu, e chegamos todos à conclusão de que nada justifica aquilo. Benny opina que pode se tratar de guerrilhas organizadas; Vinny diz que tudo faz parte destes tempos sem lei, e eu digo que pode ser qualquer dessas coisas, mas também é possível que o fenômeno se deva a uma triste perda de respeito pela vida humana.

### «A cidade queima, e ninguém sabe»

AINDA no mesmo dia, há um forte incêndio no cruzamento da Brook Avenue com a Rua 138, e não tardamos a receber um apelo para «todo mundo». Isto quer dizer que o incêndio é sério, mas ainda não justifica um segundo alarme. Não é trabalho para nós; por isso, nos deixamos ficar.

Pouco depois, há outro incêndio, este no cruzamento da Hoe Street com a Jennings. Soa o sinal de «todo mundo», mas, ainda uma vez, não é conosco, e continuamos calmamente à espera, enquanto as companhias de Bombas 85 e Escadas 31 partem. Escorregamos pela coluna, para ouvir as notícias vindas pelo rádio. Através do portão do quartel, vemos uma grande espiral de fumaça, subindo em direção nordeste.

Soa o segundo alarme para a Rua 138, e depois o terceiro. São tantas as campainhas que tocam, no painel, que desisto de contá-las. Dirijo-me à máquina de refrigerantes, mas mal começo a abrir uma lata,

o alarme soa de novo. Caixa 2.743. Esta nós conhecemos bem: Charlotte Street com Rua 170. Vamos a esse cruzamento mais vezes do que a qualquer outro, e geralmente se trata de alarme falso.

Quando chegamos, vemos meninos brincando num charco, na esquina, e gente caminhando sem destino. Damos uma busca, igual a outras que já fizemos mil vezes, e comunicamos ao Tenente Welch que não há fogo nenhum. Ele informa pelo rádio que se trata de mais um alarme falso.

De novo no quartel, vou à geladeira buscar gelo. Os belos vincos das mangas da minha camisa lavada já desapareceram, e há grandes manchas de suor sob as axilas. Ponho gelo num copo e, a seguir, soda. Enquanto espero que a efervescência desapareça, o alarme toca de novo, e lá fica, mais uma vez, o frescor. Caixa 2.555 — pela terceira vez no mesmo dia! Kelsey grita, com toda a força dos seus pulmões:

«Westchester Avenue com Fox Street. *Outra vez!* Westchester Avenue com Fox Street. O Bronx está em chamas. Saíam a 82 e a 712. Aposto que é aquele maldito prédio desocupado outra vez!»

Ao subirmos a Tiffany Street, ainda vemos a fumaça subir, para norte, sobre a Hoe Avenue, e, quando olhamos para sueste, vemos nova coluna, subindo rapidamente pela Fox Street.

«Olhe! Kelsey tem razão», diz Benny, enquanto enfia as botas. «O Bronx está pegando fogo, e a tristeza é que ninguém sabe. Tem

sido um dia danado para incêndios, mas os jornais de amanhã não dirão nada a respeito, e a televisão esta noite também não tocará no assunto. É isso que é triste. Ninguém sabe.»

A multidão, na rua, abre caminho para passarmos. Saem chamas das janelas do térreo, do primeiro e do segundo andares, e sentimos uma lufada de intenso calor, quando paramos diante do prédio.

«Dêem primeiro uma boa esguichada da rua», diz o Tenente Welch, e aponto a mangueira para a janela do primeiro andar.

Mil litros por minuto atingem a sala incendiada, e as chamas enfraquecem rapidamente. Entramos no vestíbulo, passamos sobre o lixo úmido, subimos cinco degraus, e o fogo vem ao nosso encontro. O Tenente Welch diz que podemos entrar, mas devagar. Mantenho a mangueira apontada para o teto, e faço movimentos circulares com os braços, enquanto Benny e Vinny puxam a mangueira. De súbito, cai um grande pedaço de reboco, que me arranca o capacete da cabeça. Sinto uma dor prolongada e aguda, através da nuca, solto um grito, e o Tenente Welch me tira rapidamente a mangueira das mãos. Benny Carroll se levanta.

«Que houve?», pergunta um deles.

«Queimei a nuca.»

«Saia», ordena o tenente.

A fumaça começa a baixar e a correr na direção da porta, atraída pelo oxigênio. Tusso e me abaixo o mais que posso, mas a fumaça me segue e não me larga. «Que estou fazendo aqui?», pergunto a

mim mesmo. Volto à rua, e me sento no pára-lama de um carro abandonado. Passam bombeiros correndo, arrastando mangueiras ou transportando ganchos e machados. A rua está cheia de mangueiras, que lembram o traçado das estradas num mapa rodoviário. Sirenas anunciam a chegada das companhias chamadas por um segundo alarme.

Guardo as luvas no bolso da capa, e apalpo a nuca. Sinto bolhas e a superfície áspera da tinta, que ficou colada à pele. Não dói nada, mas será difícil mover o pescoço por uns tempos. Nada mais posso fazer senão esperar uma ambulância — e ver o Bronx arder.

ENQUANTO me barbeava, no banheiro, meses depois, minha mulher parou à porta. Eu estava sem camisa. Depois de olhar um bocado para mim, ela levou a mão à comprida cicatriz, da largura do meu pescoço — uma das recordações do incêndio da Fox Street.

«É uma cicatriz feia, Dennis. Acha que vai desaparecer?»

Sorri-lhe, através do espelho, e respondi: «Duvido. Mas como o colarinho da camisa a esconde, que importância tem?»

«Tem importância apenas como advertência contra a próxima», respondeu, agarrando-me no rosto e beijando-me na face, antes de acrescentar, com os olhos úmidos de preocupação. «Sim, porque na Companhia 82 sempre haverá uma próxima. Oh, já sei que vai me dizer que alguém tem de fazer essas

coisas, e até começo a aprender a aceitar o fato. Mas passo a vida preocupada. Esta noite terei dificuldades em dormir, sabendo que você talvez esteja no meio de um incêndio, e, enquanto o sono não vem, ficarei pensando como seria bom se você estivesse deitado a meu lado, como



um marido comum. Mas, ao mesmo tempo, me sentirei tão orgulhosa de você como os meninos. Eles sabem apenas que o pai viaja no estribo de um carro de bombeiros, e se orgulham disso; mas eu sei que você está fazendo o que considera justo para todos nós, e isso me basta.»

Nesse momento, senti uma das recompensas da minha profissão. Minha mulher me comunicava que com-

preendia a natureza do meu trabalho. Temia o futuro, mas avaliava a importância, o valor de quem combate incêndios. Senti-me tão comovido que só fui capaz de dizer: «Te amo.» E bastou.

### «Não teve chance nenhuma»

POUCO mais há a fazer do que esperar que os alarmes soem. Pego um livro policial e começo a ler, mas, quando chego ao segundo parágrafo, sinto os olhos ardendo. Largo o livro, pensando tristemente que a minha vista já não é tão boa como antes. Ainda sou novo, mas começo a me sentir cansado. Meu trabalho é para jovens, mas está fazendo de mim um velho. Tenho 31 anos, mas, às vezes, me sinto com 50.

Aprendi a estimar os homens com quem trabalho, mais do que qualquer homem pode estimar outro. Temos passado muito tempo juntos, ora nos encontrando encolhidos no chão, cercados de chamas e sem sabermos se conseguiremos abrir caminho, ora nos animando mutuamente em enfermarias de hospitais, tomando uns copos em bares do Bronx-Norte, e fazendo piqueniques com as nossas famílias, junto de um lago calmo, no campo. Entre nós, existem a admiração e a preocupação mútuas, que só se encontram entre homens cujas vidas dependem das ações rápidas, corajosas e competentes uns dos outros. Esta dependência causa uma sensação agradável.

O retinir das campainhas me faz ficar atento, à espera de instruções.

«A 82 e a 31 saiam imediatamente! Dirijam-se para Kelly Street, 1.280.»

Mal sai o carro do quartel, nos chega às narinas o cheiro da fumaça. Subimos a Tiffany e descemos a Rua 165. Ao entrarmos pela Kelly, verificamos que a fumaça desceu para a rua, e reduz a visibilidade a escasos metros.

A Companhia 73 chega, e nos ajuda a desenrolar a mangueira. Entre a fumaça, conseguimos distinguir que o fogo é no último andar, ou seja, no quarto. Como há homens suficientes para desenrolar a mangueira, largo-a, e vou buscar a máscara. Bill Valenzio já tem a bomba ligada ao hidrante, quando acabo de colocar a máscara, e Jerry Herbert ergue a escada do carro até o último andar da escada de salvamento. Começa a subi-la, quando entro no prédio.

O quarto andar está envolto em fumaça, e não vejo praticamente nada à minha frente. Billy O'Mann e Charlie McCarty tentam arrombar a porta do apartamento, mas ela tem, por dentro, uma tranca de aço de lado a lado. A fumaça é muita, e Billy-O tem um ataque de tosse entre cada machadada. Charlie emprega uma alavanca, com toda a sua energia, e Billy-O bate com o dorso do machado. Finalmente, a porta começa a ceder. Sempre tossindo, quase sufocado, Charlie mete-lhe o ombro, com toda a força, e a escancara.

Charlie e Billy-O se atiram ao chão, pois o fogo irrompe para o patamar. Willy Boyle empunha a mangueira.

«Vamos, rápido! Não há tempo a perder!» ordena o Tenente Welch.

Boyle penetra uns três metros no apartamento, mas o prédio é velho, e o reboco cai do teto em grandes pedaços, um dos quais arranca o capacete de Boyle. O Tenente Welch me ordena que empunhe a mangueira, e Boyle tem de sair, pois não é seguro trabalhar em semelhante inferno sem qualquer coisa protegendo a cabeça.

Entretanto, Jerry Herbert entra por uma janela da frente. Ouve McCarty e Billy-O atacarem a porta. Todo o apartamento está em chamas, exceto a sala da frente, mas a fumaça e o fogo começam a avançar também para lá, atraídos pela janela aberta. Jerry rasteja pelo chão, consciente de que as chamas podem invadir o aposento de um instante para o outro. Ouve um leve gemido, vindo do lado oposto da cama que se encontra no meio do quarto. A fumaça escurece tudo, e Jerry rasteja na direção do som, de mão estendida, tateando à sua frente. Quando chega ao outro lado da cama, as chamas começam a lamber o teto, por cima dele. A fumaça tirou-lhe as forças, sufoca-o, mas Jerry sabe que agora não pode recuar.

Continua a tatear e, por fim, encontra o corpo de uma mulher, ao lado da qual está um bebê. Jerry pega o bebê e corre, de joelhos, para a janela. Ao aproximar-se, vê Richie Rittman entrar, e grita para ele. Rittman pega o bebê, e desce com ele nos braços. Jerry sabe que está em apuros, pois o fogo avança

velozmente. Pega na mulher, sob as axilas, e puxa-a para a janela, esforçando-se por manter a cabeça o mais baixo possível. Quando levanta a mulher, a fim de tirá-la para fora do quarto, ouve a porta da frente ceder, finalmente. Nesse momento, o quarto se torna um mar de labaredas.

Aponto o jato da mangueira para trás e para diante, através do teto. O chão está atravancado de destroços, móveis e reboco caído, e isso dificulta o avanço.

«Continue a avançar, Dennis, continue a avançar», incita o Tenente Welch.

«Dêem-me mais mangueira!», grito através da máscara, e ele grita, por sua vez, a Royce e a Knipps.

Chegamos ao quarto da frente e, quando levanto a perna para me apoiar melhor, o assoalho cede, e a outra se enfia pelo buraco e fica presa entre as tábuas que estão a arder. O tenente vê o que se passa, e chama Royce para me substituir.

Knipps me ajuda a levantar, e começo a recuar para sair, mas o caminho está obstruído pelos homens da Companhia de Escadas 31.

Estão ajoelhados ao redor do corpinho do bebê. Dirijo-me para uma janela, e arranco a máscara, para aspirar um pouco de ar. Vomito, e fico com um gosto horrível na boca.

Billy-O está sentado nos degraus do vestíbulo, à espera da ambulância. Tem nos braços o bebê que a Companhia de Escadas 31 encontrou, embrulhado numa colcha.

Desço os degraus, e pergunto:

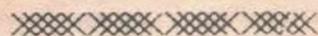
«O que é?»

«Uma menina. Não teve chance.»

«Experimentou o boca-a-boca?»

«Não foi possível. Ficou tão queimada que perdeu por completo a pele. Pobre criancinha! Não teve chance nenhuma!»

Não digo mais nada, e Billy também não. Fito os seus olhos, que estão quase cerrados, e os vejo úmidos. A luz se reflete na sua superfície molhada, e cintila nas suas lágrimas. Gostaria que a minha mulher, a minha mãe e todos quantos me têm perguntado por que faço o que faço vissem a humanidade, a compaixão e a tristeza dos olhos de Billy. Neles está a razão pela qual continuo a ser bombeiro.



DOIS HOMENS se encontraram no pico de uma montanha. Disse o primeiro: «Vim aqui porque amo a aventura e tenho uma insaciável curiosidade. Gosto de ver o nascer-do-sol dos mais diferentes lugares e de estar em locais onde nenhum homem tivesse posto os pés. Gosto de abraçar o universo, e admirar o encanto da natureza e o silêncio dos picos das montanhas. E o senhor?»

«Eu? Vim para cá porque minha filha está aprendendo a tocar piano. e minha mulher aprendendo a cantar.»

— *Harvest Magazine, Taiwan*